

## SIMPÓSIO AT077

### REPRESENTAÇÕES SOCIOCOGNITIVAS NA CONCEITUALIZAÇÃO DE VIOLÊNCIA E EMERGÊNCIA DE EMPATIA NO DISCURSO DE ESTUDANTES GUINEENSES E BRASILEIROS DA UNILAB

JAMISON, Kaline Girão  
Unilab-Ceará  
kalinegirao@unilab.edu.br

BEZERRA, Ciciliane de Castro  
Unilab-Ceará  
cicilianecbn@gmail.com

NACACANTE, Zica Afonso  
Unilab-Ceará  
caziana.teresa96@gmail.com

SOUSA, Tainara Chagas de  
Unilab-Ceará  
tainarachagas.sousa@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho, ainda em andamento, é parte da pesquisa: "Representações Sociocognitivas na Conceitualização de Violência e Emergência de empatia no Discurso de estudantes guineenses e brasileiros da Unilab". Apresentamos resultados parciais da análise dos mecanismos e processos de natureza corpórea, socioculturalmente situados que estruturam a base das conceitualizações a respeito de sentimentos gerados por atos de violência e investigamos os modelos cognitivos idealizados (MCI) subjacentes à modelagem do fenômeno da violência e empatia. Buscamos averiguar se atitudes empáticas por parte dos participantes entrevistados com respeito a agentes de violência emergem em seus discursos. A pesquisa, qualitativo-exploratória, investigou falas de estudantes brasileiros e guineenses da Unilab, das quais buscamos manifestações de elementos linguístico-cognitivos em suas conceitualizações de violência. Baseados na Linguística Cognitiva e nos aportes teóricos-metodológicos da Teoria da Metáfora da Moralidade (LAKOFF; JOHNSON, 1999) e dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987). Os resultados parciais revelaram que para os guineenses os MCI's de esquemas de imagens DENTRO-FORA embasam algumas das conceitualizações de violência por meio da Metáfora da Delimitação Moral. Além disso, a Metáfora da Saúde Moral estrutura como os brasileiros conceitualizam a violência de um modo mais amplo, pois concebem o fenômeno como uma epidemia que "se alastra". Quanto à empatia, podemos inferir uma tendência a doações empáticas a agentes de violência.

Palavras-chave: Cognição. Violência. Empatia. Conceitualização.

**Abstract:** This work, still in progress, is part of the research: "Sociocognitive Representations in the Conception of Violence and Emergence of Empathy in the Speech of Guinean and Brazilian students of Unilab." We present partial results of the

analysis of embodied mechanisms and processes, socioculturally situated, that structure the basis of the conceptualizations regarding feelings generated by acts of violence and investigate the Idealized Cognitive Models (ICM) underlying the modeling of the phenomenon of violence and empathy. We sought to find out if empathic attitudes on the part of participants interviewed regarding agents of violence emerge in their speeches. The research, qualitative-exploratory, investigated statements of Brazilian and Guinean students of Unilab, from which we searched for manifestations of linguistic-cognitive elements in their conceptualizations of violence. Based on Cognitive Linguistics and the theoretical-methodological contributions of Theory of Metaphor of Morality (LAKOFF, JOHNSON, 1999) and Idealized Cognitive Models (LAKOFF, 1987). Partial results revealed that for Guineans, the MCI's of IN-OUT image schema support some of the conceptualizations of violence through the Moral Boundaries Metaphor. In addition, the Health Metaphor structures the way Brazilians conceptualize violence in a broader way, once they see the phenomenon as a "spreading" epidemic. As for empathy, we can infer a tendency to empathic donations towards agents of violence.

**Keywords:** Cognition. Violence. Empathy. Conceptualization.

## Introdução

Nem toda violência tem a mesma natureza, mas não deixa de ser violência. Heitmeyer e Hagan (2005), nesse sentido, consideram que um dos principais problemas das pesquisas sobre o fenômeno da violência é achar a definição mais apropriada, visto não ser trivial caracterizar e identificar uma ação como violenta.

O termo violência é estudado pelas diversas áreas do conhecimento, porém, sob o viés da linguagem percebemos a escassez de estudos a respeito. Para tanto, segundo a Linguística Cognitiva, a linguagem é a base e o reflexo do nosso pensamento e é através dela que damos significação e sentido às categorias.

Portanto, este estudo, ainda em estágio preliminar, baseia-se nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva e nos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987) para analisar como o fenômeno da violência é conceitualizado e representado sociocognitivamente por estudantes brasileiros e guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Ceará) e se há indícios empáticos nessas falas. Portanto, esse estudo, apoiado pelos pressupostos teóricos dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987) busca apontar algumas possíveis intersecções e diferenciações entre os conceitos de VIOLÊNCIA nos dois grupos de

estudantes: brasileiros e guineenses.

## 1. Violências no Brasil e em Guiné-Bissau

Tratar de um conceito multifacetado e difuso como VIOLÊNCIA, requer admitir que ele terá diferentes contornos e percepções a depender de quem o experiencie. Assim, nem sempre a violência vai se apresentar como um ato que possui uma estrutura identificável, assim mesmo ela pode ser concebida em diversas sociedades, e se mostrar de diferentes formas, e em diferentes contextos, sendo por vezes compreendidas de formas distintas em função da realidade de cada contexto físico, político e social.

Para entender melhor a violência no Brasil, por exemplo, requer um estudo ainda mais aprofundado sobre suas bases históricas e sociais. Mas, para o conhecimento corrente, segundo a Organização Mundial de Saúde (2014), o Brasil está em 10.<sup>a</sup> posição dos que mais matam por armas de fogo (RITA, 2018).

Já em Guiné-Bissau, as notícias de mais citados são: contra a mulher, política e militar, sucessivos golpes de estado, assassinatos políticos e da impunidade e do narcotráfico. Para Miguel Girão de Sousa (2013), "o clima de insegurança e impunidade em que a Guiné-Bissau permanentemente vive nada contribuem para o desenvolvimento socioeconómico, sendo actualmente um dos países mais pobres do mundo"(2013, p. 87).

Diante desses dois contextos, entendemos que as conceitualizações acerca do fenômeno da violência tendem a adquirir contornos peculiares, uma vez que "a violência não é um fenômeno inerente a determinadas ações, é produto de uma determinada experiência biopsicossociocultural. (FELTES, (2007, p. 259).

## 2. Cognição e Linguagem

Sob a ótica das categorias conceituais, o pensamento é corporificado e baseia-se na percepção, no movimento corpóreo e na experiência física e social, utilizando-se de metáforas, metonímia e imagem mental (LAKOFF,

1987). Logo, falar de linguagem requer atrelá-la à cognição (compreensão, conhecimento), pois estão ligadas em um processo relacional.

Portanto, é partindo desse panorama relacional entre cognição e linguagem e, como esses estruturam o processo conceitual do ser humano sobre a percepção das coisas do mundo e eventuais acontecimentos, que pensamos esse estudo. Diante disso, conceitualizar o termo VIOLENCIA é conhecer através do que se foi falado sobre como esse conceito é estruturado em termos cognitivos, ou seja, os Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) que subjazem à percepção desse fenômeno. Os MCI's foram propostos por Lakoff e representam o principal alicerce teórico no qual apoiamos nosso trabalho. A ideia norteadora é a de que nós organizamos nosso conhecimento em termos de modelos cognitivos, os quais formam a base para a estruturação de categorias e efeitos de prototipicidade (LAKOFF, 1987).

### **3. Indícios empáticos no discurso**

De acordo com Martinovsky e Mao (2009), a emergência da empatia ou a falta dela representa uma das características de qualquer situação interativa e acrescentam ainda que podemos sentir empatia sem comunicá-la intencionalmente, assim como a não manifestação da empatia não significa a ausência de uma consideração cognitiva, mas, possivelmente, um baixo nível de consideração cognitiva. As autoras apontam que há diferentes funções de empatia no discurso, podendo ser experienciada, doada, elicitada, aceita, rejeitada ou recusada.

### **4. Caminho metodológico**

Essa pesquisa é de cunho qualitativo exploratório-descritivo. Trata-se de uma pesquisa em andamento (Funcap/BPI - 2018/2020), em que serão apresentados dados preliminares. Por se tratar de uma pesquisa que envolve pessoas e interação, a pesquisa é autorizada pelo Comitê de Ética (CAAE: 49369515.4.0000.5576).

Foram realizados grupos focais (4 grupos focais, orientados por 3 mediadoras) com estudantes brasileiros e guineenses. Para este trabalho, priorizamos a utilização das respostas da primeira pergunta realizada em todos os grupos focais com a seguinte indagação: “Qual a primeira coisa que lhe vem na mente quando você escuta a palavra VIOLÊNCIA?”. De onde apuramos elementos linguístico-cognitivos (esquemas de imagens, metáforas) das falas de cada participante. O critério de participação dos grupos focais foi ser estudante ativo da Unilab e ser brasileiro ou guineense.

## 5. Análise e discussão dos dados

Nesta seção, conforme já sinalizamos, apresentamos as análises realizadas a partir das transcrições das respostas apenas à primeira pergunta dos grupos focais realizados com brasileiros e guineenses: “Qual a primeira coisa que lhe vem na mente quando você escuta a palavra VIOLÊNCIA?”. Por razões de recorte, trazemos os principais elementos linguísticos de natureza sociocognitiva sobre a conceitualização de VIOLÊNCIA subjacentes às falas analisadas nos dois grupos: brasileiros e guineenses.

Chamou nossa atenção nas respostas dadas por um dos participantes brasileiros o fato de VIOLÊNCIA ser categorizada como algo que “se espalha”: (...) “a palavra violência, que me vem em mente, é.. primeiramente é... **espalhando pelo.. país**, entendeu? (...) é.. se **alastrando** (...)”. Nesse trecho, o participante não determina o agente da ação de espalhar, como se a própria violência fosse uma epidemia, sustentada pela METÁFORA DA SAÚDE, que faz parte do Sistema da Metáfora da Moralidade (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Em “a violência.. tá mais presente, tanto em.. questão física quanto também questões de..crime organizado, **impedindo a pessoa.. de ser.. impedindo a pessoa de ter, o.. o livre arbítrio de** (...)”, percebemos a estrutura esquemática BLOQUEIO, o que entendemos como a paralisação da pessoa, impedindo sua movimentação, de ir a outras esferas. Com isso, não conseguimos agir de acordo com as nossas possibilidades, dando a sensação de paralisia em um espaço. Se levarmos em consideração as metáforas existentes, podemos enxergar a violência como EPIDEMIA, podemos dizer

ainda que, VIOLÊNCIA NOS IMPEDE DE SEGUIR ou SER LIVRE. E expondo estas questões, podemos perceber ainda, as possíveis seguintes metáforas: VIOLÊNCIA É ORGANISMO VIVO; MUDANÇA É MOVIMENTO e VIOLÊNCIA FÍSICA É DOENÇA.

Já nas falas de alunos guineenses, detectamos uma relação semântica entre VIOLÊNCIA e VIOLAÇÃO DE LEI: "(...).a violência como o próprio nome já diz...**é violar qualquer lei..que seja natural..(...)**". Assim, inferimos que Quando em o participante fala, violência é “violar qualquer lei” está tomando o fenômeno como desrespeitar ou infringir, daí a necessidade de induzir que estamos perante o uso de metáforas VIOLAR LEI É SAIR DE UM ESPAÇO e também quando no exemplo “construído socialmente” deduzimos as metáforas LEIS SÃO EDIFÍCIOS/LEIS SÃO ESPAÇOS DELIMITADOS, dando nos a ideia de que no momento em que o indivíduo viola esta lei, está saindo desse espaço ou de sua limitação, logo, violar lei é sair fora, fora de sua delimitação espacial.

E percebemos nas falas dos guineenses também a questão da metáfora da moral, quando é deixado na implicitude que o Estado funciona como órgão máximo do poder que impõe as obrigações aos cidadãos, pelo exemplo “ é violar qualquer aquilo que é estabelecido como lei”. Então, supomos aqui a metáfora da AUTORIDADE MORAL, cujo o estado é quem decide tudo sobre as leis estabelecidas dentro dessa determinada comunidade.

Já nas falas de alunas brasileiras e guineenses, destacamos dois excertos nos quais demonstram a ideia de RECIPIENTE, em que há uma fronteira, que faz com que pensemos na experiência de DENTRO-FORA, em que, quem está dentro não percebe (não vê) que está sendo violento, que está “reproduzindo” ações violentas, mas o observador, quem está “fora” consegue compreender as atitudes: "as pessoas que: agridem.. que fazem violência contra outras pessoas.. em algum momento da vida **foram exposta àquilo..**".

Ainda nesse trecho, pode-se notar a relação com a doença, pois inferimos que, quando a entrevistada cita “exposta àquilo”, ela quis estabelecer a ideia de RECIPIENTE, em que há uma fronteira, uma “bolha” em que impossibilita que algo entre em contato. Quem está “dentro” do recipiente, está



livre do contágio, quem está “fora” está em perigo de contágio. Assim, nessa perspectiva de análise, surge a metáfora VIOLÊNCIA É UMA SUBSTÂNCIA CONTAGIOSA, assim, o contato com essa “substância”, causará “doença”.

Quanto aos indícios empáticos, podemos observar que de maneira implícita, ao se fazerem generalizações sobre as possíveis causas da VIOLÊNCIA (como consequência de rachaduras estruturais no sistema ou mesmo de "contágios"), podemos inferir uma tendência a doações empáticas a agentes de violência, uma vez que houve atribuição a uma esfera macro onde esses vetores estariam inseridos.

## 6. Considerações parciais

Esta pesquisa, que ainda está em curso, teve como objetivo investigar, em falas de estudantes brasileiros e guineenses da Unilab, os mecanismos e processos socioculturalmente situados, que estruturam as conceitualizações a respeito de sentimentos gerados por atos de violência. Além disso, buscamos averiguar se indícios de atitudes empáticas por parte dos participantes, com respeito a agentes de violência, emergiam em seus discursos.

Preliminarmente, percebemos que a Metáfora da Saúde, que compõe o Sistema da Metáfora da Moralidade, estrutura parte dos processos de conceitualização de VIOLÊNCIA nos discursos de estudantes brasileiras no gênero masculino, ao entenderem que o fenômeno é algo que "se espalha" e algo que pode ser contraído quando alguém é "exposto" a isso.

Já nos discursos de alunos guineenses, identificamos que a Metáfora de Delimitação Moral (*Metaphor of Moral Boundaries*), também parte do Sistema da Metáfora da Moralidade, é estruturada pelo esquema de imagem DENTRO-FORA e subjaz aos processos de conceitualização de VIOLÊNCIA, na medida em que expressões como ".é violar qualquer lei..que seja natural".

Acreditamos que obteremos outros *insights* à medida que prosseguirmos com as análises.

## Referências

CAMERON, Lynne., MASLEN, Robert., TODD, Zazie, MAULE, John, STRATTON, Peter; STANLEY, Neil. The discourse dynamics approach to metaphor and metaphor-led discourse analysis. **Metaphor and Symbol**, 24, 2, p. 63–89, 2009. Disponível em: <[http://oro.open.ac.uk/16538/1/Cameron\\_Discourse\\_dynamics.pdf](http://oro.open.ac.uk/16538/1/Cameron_Discourse_dynamics.pdf)> Acesso em 15 de novembro de 2014.

FELTES, H. P. M. **Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

GRADY, J. E. **Foundations of Meaning: primary metaphors and primary scenes**. Unpublished Phd. Dissertation. University of California. Berkeley, 1997.

HEITMEYER, Wilhelm.; HAGAN, Jonh. The difficulties of a systematic international review. In: \_\_\_\_\_. **International Handbook of Violence Research**. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2005. p. 3-12.

JOHNSON, M. **The Body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason**. Chicago, USA: Cambridge University Press, 1987.

LAKOFF, G. **Women fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. London: The University of Chicago, Press, 1980.

LAKOFF, G. e JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

LARCHER, Ana. Buala. **Violência na Guiné-Bissau**. Em 08/02/2013. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/a-ler/violencia-na-guine-bissau>> Acesso em: 27 de fevereiro de 2019.

LARSEN-FREEMAN, Diane; CAMERON, Lynne. **Complex systems and Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MARTINOVSKI, Bilyana; MAO, Wenji. **Emotion as an argumentation engine: Modelling the role of emotion in negotiation**. Journal of Group Decision and Negotiation. Vol. 18, no. 3, 2009.

RITA, Bruno Santa. Correio Braziliense. **Brasil lidera ranking de mortes por arma de fogo no mundo**. Em 28/08/2018. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/08/28/interna-brasil-702432/brasil-lidera-ranking-de-mortes-por-arma-de-fogo-no-mundo.shtml>> Acesso em 27 de fevereiro de 2019.

SOUSA, Miguel Girão de. **Guiné-Bissau: o golpe militar de 12 de Abril e a necessidade da reforma do sector de segurança**. Universidade Lusíadas. [ULL-FCHS] LPIS, n. 08. p.85-115, 2013.